

A EDUCAÇÃO CONTINUADA E O PROTAGONISMO DA MULHER NA BIBLIOTECONOMIA: relato de experiência da oficina “Mulheres na Ciência da Informação e Biblioteconomia”

Nathália Lima Romeiro

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: ntromeiro91@gmail.com

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: francigarces@yahoo.com.br

RESUMO

Este relato apresenta a experiência docente da oficina “Mulheres na Ciência da Informação e Biblioteconomia” ministrada no 36º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina, no ano de 2018. Esta abordagem tinha como objetivo discutir a formação e atuação profissional com enfoque nas contribuições de mulheres na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Como aporte teórico, no que diz respeito à problematização da cultura patriarcal foram citadas autoras como Helleieth Safiotti (2002), Teresinha Souza (2013), Simone Beauvoir (2014) e Djamila Ribeiro (2017) e como autor, Pierre Bourdieu (2002). Além da abordagem da cultura patriarcal, foram apresentadas as três fases do movimento feminista e os pensamentos das autoras Audre Lorde (1984), Judith Butler (2003), bell hooks (2013) sobre o assunto. A metodologia foi composta de aula expositiva e dialogada com dinâmica com enfoque na percepção dos/as participantes sobre a mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Palavras-chave: Mulher. Ciência da Informação. Biblioteconomia. Protagonismo feminino.

CONTINUE EDUCATION AND WOMEN'S PROTAGONISM IN LIBRARIANSHIP: EXPERIENCE REPORT OF THE WORKSHOP OF WOMEN IN INFORMATION SCIENCE AND LIBRARIANSHIP

ABSTRACT

This report presents the teaching experience of the workshop “Women in Information Science and Librarianship” given at the 36th Librarianship Panel in Santa Catarina, 2018. This approach aimed to discuss the formation and professional performance focusing on the contributions of women in Librarianship and Information Science. As theoretical contribution, regarding the problematization of patriarchal culture were cited authors such as Helleieth Safiotti (2002), Teresinha Souza (2013), Simone Beauvoir (2014) and Djamila Ribeiro (2017) and as author, Pierre Bourdieu (2002). In addition to the patriarchal culture approach, the three phases of

the feminist movement and the thoughts of the authors Audre Lorde (1984), Judith Butler (2003), bell hooks (2013) on the subject were presented. The methodology was composed of a lecture and dialogued with dynamics focusing on the perception of the participants about women in Library and Information Science.

Keywords: Woman. Information Science. Librarianship. Female protagonism.

1 INTRODUÇÃO

Entende-se que a profissão bibliotecária foi e ainda é percebida como uma área essencialmente feminina (WALTER; BAPTISTA, 2007) que se caracteriza por haver uma visão em sociedade do estereótipo do que seria uma mulher feminina, ou seja, com funções sociais esperadas pela condição de ser mulher. Este estereótipo foi induzido no imaginário social e atribui funções às mulheres atreladas ao cuidado, à maternidade e à subserviência a um indivíduo do sexo masculino.

Justificamos esta afirmativa, devido à construção epistemológica do conhecimento na Biblioteconomia visibilizar majoritariamente as contribuições científicas de homens do que mulheres, como por exemplo, o ensino sobre os sistemas de organização do conhecimento (classificação bibliográfica) serem especialmente referentes a códigos propostos por homens (PIRES; DUMONT, 2016a).

Nesta perspectiva, repensar os estereótipos sobre a mulher, bem como o seu protagonismo na construção e disseminação do conhecimento científico na Biblioteconomia corrobora para que as estudantes se sintam representadas tanto na produção do conhecimento como nos cargos de liderança no mercado de trabalho.

Pensando nisso, este artigo possui o objetivo de apresentar a experiência vivida pelas autoras de aplicação de uma oficina que visou discutir a formação e atuação profissional com enfoque nas contribuições de mulheres na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Como aporte teórico, no que diz respeito à problematização da cultura patriarcal foram citadas autoras como Helleieth Safiotti (2002), Teresinha Souza (2013), Simone Bevoir (2014) e Djamila Ribeiro (2017) e como autor, Pierre Bourdieu (2002). Além da abordagem da cultura patriarcal, foram apresentadas as três fases do movimento

feminista e os pensamentos das autoras Audre Lorde (1984), Judith Butler (2003), bell hooks (2013) sobre o assunto.

Por intermédio de aula expositiva e dialogada, este relato de experiência trata da aplicação de oficina sobre mulheres na Biblioteconomia e Ciência da Informação durante o evento científico 36º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina, no período de agosto de 2018. Durante quatro horas, foram discutidos os aportes teóricos que embasam este relato, assim como, apresentadas as mulheres referências no campo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seguir, abordaremos, em duas seções secundárias, o arcabouço teórico que embasou a referida oficina, assim como, apresentaremos algumas mulheres protagonistas da Biblioteconomia e Ciência da Informação e suas contribuições para o campo.

2.1 Mulher como sujeito intelectual, ativista, político e profissional

Antes de mergulharmos na complexidade de discutir a mulher como sujeito político e intelectual precisamos evidenciar que este estudo faz parte dos estudos de gênero por contemplar a trajetória do feminismo ocidental, bem como evidenciar o protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Entretanto, é preciso destacar que essa é apenas uma vertente dos estudos de gênero dentre tantas outras possibilidades, tais como: a masculinidade e/ou feminilidade cisgênera, masculinidade e feminilidade transgênera, as relações entre estudos de gênero e sexualidade, gênero e política, gênero e corporeidade, estudos comportamentais e experimentais sobre homens, mulheres, pessoas não-binárias, população LGBTQIA+, estudos de gênero relacionados à interseccionalidade, classe e raça/etnia, estudos gênero e a condição humana (pessoas com deficiência e sem deficiência), estudos de gênero relacionados à infância, juventude, meia idade e velhice, entre outras temáticas. É preciso compreender que os estudos de gênero são complexos, diversos e inseridos em contextos subjetivos. Sendo assim, tais estudos não devem ser vistos como lineares, nem iguais, tampouco como sinônimo de estudos feministas ou estudos sobre mulheres (CONNELL; PIERCE, 2015).

De acordo com Joan Scott (1995), gênero é uma categoria de análise história e social situado em um tempo e espaço. Sendo assim, é necessário evidenciar o recorte em que o determinado estudo se enquadra. Aqui apresentamos um estudo de gênero que contempla a mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação nacional e internacional. Dessa forma, falamos de mulheres ocidentais de diversos pertencimentos étnicos, com variação socioeconômica abrangente. Em relação à escolaridade, evidenciamos que as mulheres que serão citadas estão em situação de privilégio em relação à maioria da população brasileira, haja vista que essas profissionais e pesquisadoras concluíram a formação profissional em Biblioteconomia e algumas continuaram produzindo conhecimento e formando novas gerações de profissionais e pesquisadoras/es.

Após posicionarmos nossas sujeitas no tempo e espaço, retomamos aos questionamentos que direcionaram a problematização da temática deste estudo. Um dos maiores incômodos que encontramos na literatura desde que começamos a discutir as relações entre mulheres e homens na Biblioteconomia e Ciência da Informação, foi o fato de que muitas das mulheres que conhecemos se referiam a profissionais de Biblioteconomia como “o bibliotecário” (com artigo definido no gênero masculino), tal como se universaliza o papel de profissionais em várias áreas do conhecimento no Brasil. Identificamos que há um problema na linguagem, especialmente se focarmos na língua portuguesa na qual é possível perceber a dominação patriarcal no vocabulário cotidiano (KILOMBA, 2019).

As mulheres ainda são associadas ao outro, ao inessencial apesar de estarem presentes durante a formação enquanto docentes e pesquisadoras e também no mercado de trabalho como profissionais (BEAUVOIR, 2014). Isso ocorre, porque as mulheres enfrentaram (e enfrentam) diversos obstáculos ao longo da vida simplesmente por serem socializadas como mulher. Por isso, os corpos, a linguagem (verbal, não verbal, simbólica), as performances, os relacionamentos afetivos e sexuais, o direito reprodutivo, entre outros motivos impactaram - e ainda impactam - a trajetória das mulheres, tal como discutem pesquisadoras como: Audre Lorde (1984), Judith Butler (2003), bell Hooks (2013), Simone de Beauvoir (2014), Angela Davis (2016), entre outras.

Ao escrever sobre a trajetória das mulheres ao longo do tempo precisamos entender os contextos de opressão vivenciados por elas. Esses contextos são diferentes e devem ser apresentados na compreensão de que as mulheres não são iguais. Quando pensamos, por exemplo, na diferença entre mulheres brancas e negras no período colonial

brasileiro percebemos que as brancas reivindicavam o direito ao estudo e trabalho enquanto pessoas negras eram escravizadas e por vezes não percebidas como ser humano. Apesar de ambas terem sofrido opressões por estarem inseridas em uma estrutura social patriarcal, os eixos de subordinação foram atravessados pela raça/etnia e classe social (CRENSHAW, 2002; DAVIS, 2016; KILOMBA, 2019).

Teresinha Souza (2013, p. 476) aponta que a estrutura patriarcal ou patriarcado se trata do “poder que o homem exerce por meio dos papéis sexuais”. Consideramos que este poder não está somente vinculado a papéis sexuais, mas também se relaciona a contextos socioeconômicos como o acúmulo de propriedade, disputa territorial e religiosidade, especialmente a judaico-cristã que, centralizada na figura de um deus homem e branco justificou que homens pudessem colonizar, violentar e assassinar pessoas de diferentes lugares do mundo. Sendo assim, reconhecemos que a estrutura patriarcal é um dos fatores que mais contribuem para a desigualdade social, pois estabelece muitos eixos de subordinação inspirados no imaginário de que o homem heterossexual - que performa masculinidade e tem condição econômica abastada - é superior a homens que não performam masculinidade, superior a homens pertencentes a outras classes sociais e superior às mulheres, considerando os eixos de raça/etnia, classe social e expressão da sexualidade (ROMEIRO, 2019).

Assim como no caso das mulheres, é preciso considerar o pertencimento étnico quando determinamos as condições de privilégios sociais de homens brancos e negros, por exemplo. Grada Kilomba (2019) aponta que os problemas enfrentados por homens negros precisam ser considerados e analisados em uma perspectiva subjetiva, uma vez que a trajetória desses homens também é atravessada por dominação, especialmente por reconhecermos que o racismo é um problema social. A autora também destaca que mulheres feministas deveriam incluir homens negros no diálogo e salienta que juntar esses grupos é essencial para lutar contra as violências de gênero e contra episódios do racismo cotidiano (HOOKS, 2013; KILOMBA, 2019).

A percepção da desigualdade entre homens e mulheres se iniciou antes mesmo dos movimentos feministas. Podemos dizer que parte dessa diferenciação foi centralizada na dominação masculina a partir de percepções teocentradas e sexualmente forjadas para justificar que homens seriam merecedores de mais privilégios, e assim ocuparem determinados espaços intelectuais, políticos e profissionais. Nessa perspectiva, a mulher que não correspondesse ao que foi reservado para ela como aquela responsável pela

reprodução, criação, alimentação ou como objeto de troca de riquezas, foi subalternizada pela dominação masculina (SAFFIOTI, 2002, BOURDIEU, 2010).

A dominação masculina diz respeito ao *habitus* experienciado pelas pessoas em relação a violência simbólica e física provocada por um estereótipo do homem hegemônico (forte, viril, inteligente, rico) (BOURDIEU, 2010). Entretanto, apesar dos lugares sociais serem pré-estabelecidos culturalmente, existiram focos de resistência a esse movimento. A resistência das mulheres foi fundamental para compreender a luta das mulheres por equidade de direitos e igualdade de oportunidades.

Inicialmente, o movimento feminista era um movimento inspirado pelo iluminismo, centrado nas mulheres brancas economicamente privilegiadas. Mary Wollstonecraft (1792) no século XVIII defendia o direito das mulheres, especialmente o direito de estudar e participar da cena política (votando). No século XIX, o movimento feminista ganhou mais força, principalmente porque aumentou o número de mulheres no mercado de trabalho durante o processo de industrialização. Quando reunidas, passaram não só a discutir sobre as desigualdades entre mulheres e homens como também reivindicaram a participação delas como sujeito de direitos jurídicos. Nesse contexto, conhecido como primeira onda do movimento feminista, mulheres ricas apoiadas por mulheres de outras classes sociais reivindicaram o direito ao voto na França. O movimento de luta pelo direito de escolher seus representantes políticos foi conhecido como movimento sufragista (KARAWEJCZYK, 2014).

A primeira onda do movimento feminista tinha como principais protagonistas mulheres européias. Na segunda onda do movimento, que ocorreu em meados do século XX, o cenário de protagonismo mudou, mulheres estadunidenses levantaram o debate e em seguida este foi espalhado por todo o mundo ocidental. Na segunda onda, as mulheres reivindicavam além da participação na política os direitos sexuais e reprodutivos, a luta contra o sexismo (machismo estrutural) e a igualdade de direitos entre homens e mulheres (BEAUVOIR, 2014).

A partir da segunda onda, percebemos que a subjetividade em relação às mulheres ganhou mais espaço de discussão, pois além do direito de exercer sua função cidadã, as mulheres lutavam pela autonomia em relação aos seus corpos, especialmente ligada à concepção, contracepção e aborto legal. Também foi nesse período que as feministas consideraram que a cultura era sexista e para contrabalancear esse cenário, inseriram suas pautas nas artes como música, teatro, cinema, etc. (GAMBLE, 2001).

Na terceira onda do feminismo, identificamos que as questões subjetivas do corpo, protagonismo, experiências e inclusão da diversidade passaram a fazer parte das pautas. A partir dos anos 1980 questões de gênero, sexualidade, performance, performatividade, interseccionalidade, entre outros temas foram amplamente discutidos. Nesse período é possível perceber que a trajetória das mulheres se tornou mais plural, incluindo mulheres negras, periféricas, mulheres cisgêneras e transgêneras. Também ampliou as possibilidades de debate incluindo narrativas individuais e coletivas bem como fortaleceu as redes e espaços de discussão em diversos países e regiões do mundo (BUTLER, 2003; HOOKS, 2013; CONNELL; PIERCE, 2015; KILOMBA, 2019).

Apesar de ter ampliado o debate, ainda há diversos assuntos a serem desenvolvidos tanto nas questões de gênero como sexualidade. Reconhecemos que estas temáticas não apresentarão contextos lineares assim como não é possível presumir que as pautas estejam em constante evolução, haja vista o atual cenário político que vivenciamos na América Latina, que em determinados assuntos representa a perda de direitos das mulheres como, por exemplo, na reforma da previdência brasileira.

No cenário científico, também é preciso evidenciar que para além dos estudos feministas, as mulheres estiveram em condição inferior de desenvolvimento em relação aos homens. A partir contexto apresentado, reconhecemos que, no campo científico da Biblioteconomia e Ciência da Informação, ainda há pesquisadoras invisibilizadas enquanto contribuidoras do campo como atualmente conhecemos. Isso acontece devido ao período em que determinadas descobertas eram atribuídas somente aos homens, como é o caso da pesquisadora Adelaide Hasse, parceira de pesquisa de Melvil Dewey, até recentemente desconhecida no cenário biblioteconômico-informacional (ARÉVALO, 2018).

Neste sentido, buscando evidenciar o protagonismo das pesquisadoras do campo, apresentaremos na próxima seção secundária, as suas contribuições teórico-profissionais para a Biblioteconomia e Ciência da Informação.

2.2 Protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação

Evidenciar a pesquisa e a produção intelectual de mulheres na Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) é um ato político. No ano de 2018, foi lançado o livro

organizado pelas autoras deste artigo intitulado “O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação” e, no ano seguinte, “O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação” visando promover as mulheres que fazem parte destas áreas enquanto pesquisadoras e intelectuais (SILVA; ROMEIRO, 2018; 2019).

O reconhecimento destas mulheres com relação à contribuição intelectual para a promoção da BCI permite evidenciar como o campo se desenvolveu graças aos esforços e pesquisas realizadas por estas profissionais. No contexto da BCI que nos é conhecido hoje, houve colaboração de pesquisadoras que desenvolveram pesquisas e atuaram buscando fundamentar o campo.

Neste sentido, entender quem são essas mulheres é importante para que possamos tornar visível seus legados para a área. Durante a graduação em Biblioteconomia, muitos de nós estudamos a atuação da bibliotecária e documentalista francesa, Suzanne Briet, em prol da Documentação. No entanto, poucos são aqueles que conhecem a bibliotecária Carla Heyden, a primeira mulher negra a ocupar o cargo de bibliotecária do Congresso estadunidense; Clara Stanton Jones, primeira presidente negra da *American Library Association* e sua contribuição para a criação de sistemas de referência comunitária, o *The Information Place* (TIP) (SILVA, 2019); Hope Olson e a teoria feminista da classificação (OLSON, 1990; SALDANHA, 2019); Ann Allen Shockley e a literatura lésbica (SILVA; ROMEIRO, 2019), assim como outras personagens fundamentais para a construção da Biblioteconomia e Ciência da Informação em nível internacional.

Em nível nacional, começamos por reconhecer a contribuição da bibliotecária Lydia Sambaquy na criação dos primeiros cursos de especialização com foco na pesquisa bibliográfica no antigo Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) (CORRÊA; OLIVEIRA, 2018). Celia Ribeiro Zaher e sua produção textual, assim como a atuação como presidente do IBBB (atual IBICT) foi fundamental para o desenvolvimento da área, pois delineou tendências e novos aportes para a CI (CORRÊA; OLIVEIRA, 2018). Reconhecemos ainda, a bibliotecária Lena Vania Ribeiro Pinheiro e seus estudos sobre comunicação científica, domínio epistemológico e a interdisciplinaridade da Ciência da Informação (PINHEIRO, 1977; 2002, 2005), assim como, Gilda Maria Braga e sua análise histórica sobre a Ciência da Informação brasileira, e sua importante contribuição para a criação das pós-graduação na área (BRAGA, 1995).

Semiótica aplicada aos estudos informacionais, assim como análise de redes sociais são alguns dos estudos realizados por Maria Aparecida Moura, professora e pesquisadora da Ciência da Informação (GUEDES; MOURA, 2016; ASSIS; MOURA, 2015; PAULA; MOURA, 2015, MOURA, 2016). Não podemos esquecer, de Maria Nélida González de Gómez e as pesquisas que desenvolve sobre Filosofia da Informação, questões epistemológicas, éticas e políticas da informação, bem como a ação e regimes de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, 2001, 2002, 2009, 2012a,b, 2015; SANTOS, 2018).

Ainda sobre pesquisadoras que são ícones na BCI, destacamos a professora Solange Puntel Mostafa e a epistemologia da Biblioteconomia (MOSTAFA, 1985). Doris de Queiroz Carvalho trouxe sua contribuição para área como a criadora do sistema de classificação na área do Direito, intitulado DORIS. Ademais, Cristina Dotta Ortega e os estudos sobre Organização da Informação, Documentação e documento (ORTEGA; SALDANHA, 2019; SALDANHA; ORTEGA, 2018; ORTEGA, 2016, 2013), Rosali Fernandez de Souza e suas pesquisas vinculadas à organização e representação do conhecimento (SOUZA, 2004; SOUZA; STUMPF, 2009; SALDANHA; SOUZA, 2017; SOUZA, 2018), assim como Lígia Café e sua colaboração para os estudos sobre ontologias, taxonomia, tesauros, análise conceitual de termos e organização do conhecimento (CAFÉ; LAGE, 2002; SALES, CAFÉ, 2008; ALVES, CAFÉ, 2010; CAFÉ; BRASCHER, 2011; CAFÉ; BARROS; FONSECA, 2014; CAFÉ; SANTOS; BARROS, 2015; CAFÉ; BARROS; BORJA, MACHIAVELLI; 2017) contribuíram para o desenvolvimento do campo na BCI Brasileira.

No campo do ensino de Biblioteconomia, Daniella Pizarro e suas contribuições nos estudos sobre atuação ética bibliotecária e representações sociais (PIZARRO, 2014, 2018), assim como Ana Cláudia Perpétuo Oliveira (OLIVEIRA, 2012, 2016), tem contribuído para a discussão do ensino, formação e atuação bibliotecária vinculados à consciência ético-política e questões sociais. Sobre os estudos de mediação da informação, Henriette Ferreira Gomes e seus colaboradores são referência no que concerne ao contexto brasileiro (GOMES, 2019; FREIRAS; GOMES; SANTOS, 2017; GOMES; VARELA, 2016; SANTOS; GOMES, 2016, SANTOS, GOMES, 2014).

Com relação às pesquisas relacionadas à competência em informação, redes e mídias sociais como fontes de informação, destacamos Elisa Defini Corrêa e suas contribuições (CORRÊA; LUCAS, MULLER, 2018; CORRÊA, 2018; CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018; CORRÊA; SILVA, 2017). Enquanto isso, a ativista e bibliotecária Catia Lindemann

possui importante atuação pela biblioteca prisional (LINDEMANN, 2017; COLARES, LINDEMANN, 2015).

Elencamos ainda, o trabalho na seção de Obras Raras na Biblioteca Nacional desenvolvido por Ana Virginia Teixeira da Paz Pinheiro e suas pesquisas sobre Formação e Gestão de Coleções Bibliográficas Especiais (PINHEIRO, 2015, 2016, 2017, 2018); a contribuição de Gisela Eggert Steindel e seus estudos sobre o livro didático e a História do livro e da leitura (CARVALHO; EGGERT-STEINDEL, 2018; MENDES, CUSTÓDIO, EGGERT-STEINDEL, 2017), assim como, da bibliotecária Diná Marques Pereira Araújo e os estudos sobre livros raros (ARAÚJO; REIS; SILVEIRA, 2018; ARAÚJO; REIS, 2017), como referências no que se refere aos estudos do história do livro e da leitura.

No que tange os estudos sobre gestão da informação e sobre informação, ciência e tecnologia, enalteçamos as contribuições da pesquisadora Marta Lígia Pomim Valentim (VALENTIM, 2001, 2002; KAJIMOTO; VALENTIM, 2017). Referente aos estudos sobre Empreendedorismo na Biblioteconomia destacamos a contribuição da pesquisadora Daniela Spudeit, que também desenvolve estudos sobre prática docente com estudantes e graduadas/os em Licenciatura em Biblioteconomia (SPUDEIT, 2017; SILVA; SPUDEIT, 2018; SOUZA; SPUDEIT, 2019).

No que concerne aos estudos étnico-raciais, Mirian de Albuquerque Aquino contribuiu para o conhecimento sobre a informação étnico-racial, assim como memória, representação e identidade de pessoas negras (AQUINO, 2014; AQUINO; SANTANA, 2014; SILVA; AQUINO, 2014; SILVA JUNIOR; SILVA; AQUINO, 2014). Francilene Cardoso também pesquisou sobre a contribuição da biblioteca para a construção da identidade do negro também merece (CARDOSO, 2015, CARDOSO; NÓBREGA, 2011).

Por fim, sobre os estudos de gênero reconhecemos as contribuições da pesquisadora Maria Mary Ferreira, que relacionou as questões de gênero com o mercado de trabalho de profissionais de Biblioteconomia (FERREIRA, 2003; FERREIRA; BORGES; BORGES, 2010). Evidenciamos ainda, a contribuição da pesquisadora Patrícia Espírito Santo, que além dos estudos de gênero contribui para a área com pesquisa sobre mulheres leitoras do estado de Minas Gerais (SANTO, 2008; SANTO; DUMONT, 2014).

Nesta seção, apresentamos algumas das intelectuais que inspiraram a criação desta oficina, bem como suas contribuições teóricas para Biblioteconomia e Ciência da Informação. A seguir, apresentaremos o relato da aplicação da oficina “Mulheres na Ciência da Informação e Biblioteconomia”.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A oficina aconteceu durante o 36º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina no dia 02 de agosto de 2018. Esta abordagem tinha como objetivo discutir a formação e atuação profissional com enfoque nas contribuições de mulheres na Biblioteconomia e Ciência da Informação. A oficina contou com a participação de 20 pessoas, com cerca de 18 (90%) mulheres e dois (10%) homens.

A oficina foi desenvolvida seguindo quatro passos. A primeira atividade proposta foi uma dinâmica em relação às referências bibliográficas, onde foi exposto na apresentação algumas obras de maneira que não fossem reveladas as identidades de autoras e autores, como no exemplo abaixo:

Primeira obra: BENTO, B. **Homem não tece dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal: EDUFRN, 2013.

Segunda obra: PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual**: Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n 1 edições, 2014. 223 p

Perguntamos às pessoas participantes, como seria a pessoa que imaginavam ter escrito esta e outras obras. Especificamente sobre as referências exemplificadas, a maioria das pessoas imaginaram se tratar de uma produção de um homem cisgênero branco. Após as respostas, revelamos que a primeira obra foi escrita pela pesquisadora Berenice Bento, e a segunda, pelo pesquisador, Paul Preciado¹. Ressalta-se que existe a Norma ABNT 6023/2018 para referências e esta permite que seja escrito o nome e sobrenome completo dos autores e das autoras (ABNT, 2018). Quando são visibilizados os nomes das pessoas nas referências, é possível perceber a identidade de gênero da autora/or naquela produção bibliográfica. Essa tomada de decisão por utilizar o nome e sobrenome da pessoa autora se torna uma posição política, dessa forma, vai contra o sistema patriarcal dominante que invisibiliza as produções de mulheres na ciência.

A segunda dinâmica da oficina objetivou visibilizar o protagonismo das mulheres na Biblioteconomia. Foi solicitado às pessoas participantes que citassem cinco homens importantes para a Biblioteconomia e foram citados nomes como: Paul Otlet, John Dewey, Shiyali Ramamrita Ranganathan e Charles Ammi Cutter. Este tipo de dinâmica é

¹ O autor da referida obra é uma pessoa trans que antes de assumir sua atual identidade de gênero assinava suas obras como Beatriz Preciado.

importante para que, enquanto docentes e discentes de Biblioteconomia, se reflita sobre a supressão do nome das autoras e autores nas referências.

Neste caso, não houve dificuldade por parte das pessoas participantes de buscar na memória esses nomes. Foi realizado o mesmo questionamento em relação às mulheres na Biblioteconomia e percebeu-se que não houve a mesma rapidez nas respostas. As pessoas que participaram do evento sequer citaram as professoras que impactaram na sua formação. Com base nisso, acreditamos que a formação do imaginário referente ao protagonismo da mulher na área ainda precisa ser fortalecida, haja vista que a área é caracterizada como uma área majoritariamente feminina (PIRES; DUMONT, 2016b).

Após esta dinâmica, foram apresentadas as razões para que esse tipo de estereótipo do homem como principal produtor de conhecimento ainda persista, bem como foram abordados conceitos como o patriarcado (SAFFIOTI, 2002; SOUZA, 2013) e a dominação masculina (BOURDIEU, 2002) dentro dos contextos global e brasileiro, conforme discussão abordada na fundamentação teórica deste relato.

Feito isso, foram visibilizadas as produções que formam uma resistência ao patriarcado, como os estudos feministas (contextualizando as primeira, segunda e terceira ondas) e estudos de gênero, sexualidade e interseccionalidade (LORDE, 1984; BUTLER, 2003). Em um terceiro momento, discutimos a influência da cultura patriarcal na formação e atuação profissional bibliotecária. Ao final da oficina, como uma forma de visibilizar o protagonismo das mulheres na Biblioteconomia e Ciência da Informação, foram apresentadas as contribuições de intelectuais, pesquisadoras e ativistas do campo, conforme apresentamos na fundamentação teórica deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe o relato de aplicação de oficina sobre mulheres na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Nesta perspectiva, além de relatarmos a experiência da referida oficina, contextualizamos o sistema de opressão determinado pelo patriarcado que ainda fazem parte das relações sociais, profissionais e científicas. Elencamos ainda, as diversas pesquisadoras e ativistas dentro do campo e suas contribuições teórico-profissionais para o desenvolvimento científico e tecnológico no campo biblioteconômico-informacional. Esperamos que a oficina sirva para despertar em

outras pesquisadoras o interesse em visibilizar a produção científica e atuação profissional de mulheres no contexto brasileiro.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de doutorado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jaqueline Costa; CAFÉ, Lígia. Análise focada em metadados sob a luz do padrão MTD-BR. **Em Questão**, n. 2, v. 16, p. 179-202, 2010.

AQUINO, Mirian de A. A construção da identidade profissional de mulheres negras na carreira acadêmica de ensino superior. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN**, v. 7, p. 136-160-160, 2014.

AQUINO, Mirian de A.; SANTANA, Vanessa A. Práticas de organização e representação da informação étnico-racial em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação da memória de negro. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 6, p. 17-36, 2014.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir S.; SILVEIRA, Fabrício José N. Bibliofilia, bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade. **Informação & Informação** (Online), v. 23, p. 38-57, 2018.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir S. Bibliografias setecentistas e os conceitos de livro raro. **Perspectivas em Ciência da Informação** (on line), v. 22, p. 168-184, 2017.

ARÉVALO, Julio Alonso. A obscura história sobre os assédios sexuais de Melvil Dewey, o pai da biblioteconomia moderna. **Bíblioo**: cultura informacional, 7 ago. 2018. Disponível em: https://biblioo.cartacapital.com.br/obscura-historia-sobre-os-assedios-sexuais-de-melvil-dewey/?fbclid=IwAR2vf4voJEnrxnBi7boKgucl_yDBb5i004dZLSBxB-RoDcCiz7E5ppLxbZc
Acesso em: 10 dez. 2019.

ASSIS, Juliana; MOURA, Maria Aparecida. Análise de consenso aplicada à elaboração de metalinguagens: estudo do campo semântico da biotecnologia. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1-15, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. **Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, p. 155-177, 1974.

BRAGA, Gilda Maria. Ciência da Informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.1, p.84-88, jan./abril 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAFÉ, Lígia; LAGE, Márcia Basílio. Auto-arquivamento: uma opção inovadora para a produção científica. **DataGramZero**, n. 3, v. 3, 2002.

CAFÉ, Lígia; BRÄSCHER, Marisa. Organização do Conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos. **Informação & Informação**, n. 2, v. 16, p. 25-51, 2011.

CAFÉ, Lígia; BARROS, Camila Monteiro; FONSECA, Manuela Soares da. Organização do conhecimento: uma análise conceitual nos anais do ENANCIB. **Em Questão**, n. 1, v. 20, p. 86-112, 2014.

CAFÉ, Lígia; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; BARROS, Camila Monteiro. Os estudos de Gruber e Guarino sobre ontologias na Ciência da Informação e nas Ciências da Computação. **DataGramZero**, n. 3, v. 16, 2015.

CAFÉ, Lígia; BARROS, Camila Monteiro; BORJA, Renata Duarte; MACHIAVELLI, Marieli. Análise conceitual do termo organização do conhecimento em teses brasileiras. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, n. 1, v. 13, p. 82-113, 2017.

CARDOSO, Francilene do Carmo; NOBREGA, Nanci G. A biblioteca Pública na (re) construção da Identidade Negra. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 4, p. 01, 2011.

CARDOSO, Francilene do Carmo. **O negro na Biblioteca**: mediação da informação para construção da identidade negra. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015. 104 p.

CARVALHO, Simone; EGGERT-STEINDEL, Gisela. A LDB e suas alterações: reflexões sobre as normativas em Santa Catarina. **Retratos da Escola**, v. 11, p. 663-676, 2018.

COLARES, Leni Beatriz; LINDEMANN, Catia Rejane. Implantação da Biblioteca no Cárcere: desafios e possibilidades. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 3, p. 205-215, set./dez. 2015.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. A questão do gênero. In: CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global: compreendendo o gênero da esfera pessoal à política no mundo contemporâneo**. São Paulo: nVersos, 2015. p. 29-50.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; OLIVEIRA, Ana Claudia D. C. de. Pelas mãos femininas de Lydia Sambaquy e Celia Zaher: as origens da CI brasileira. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (Org.). **O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. 1 ed. Florianópolis: ACB, 2018.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Competência em informação: conexões no ensino de fontes de informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 23, p. 37-53, 2018.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; LUCAS, Elaine de Oliveira; MULLER, Viviane F. Conexão entre competência em informação e as disciplinas fontes de informação e serviço de referência: um mapa conceitual. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 16, p. 1-21, 2018.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; CUSTÓDIO, Marcela G. A informação enfurecida e a missão do bibliotecário em tempos de pós-verdade: uma releitura com base em Ortega y Gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação** (Online), v. 14, p. 197-214, 2018.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. Presença digital dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia do Brasil no *Facebook*. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, p. 16-32, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, v. 15, n. 2, p. 189-201, 2003.

FERREIRA, Mary.; BORGES, Elinielle Pinto.; BORGES, Luiz Cláudio. Mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da(o) bibliotecária(o). **Biblionline**, n. esp., 2010.

FREITAS, Lívia S. de; GOMES, Henriette Ferreira; SANTOS, Raquel do Rosário. Ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários para estimular o uso dos livros eletrônicos. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 10, p. 1-19, 2017.

GAMBLE, Sarah. Editor's introduction. In: GAMBLE, Sarah (ed.). **The Routledge Companion to Feminism and Postfeminism**. London; New York: Routledge, 2001.

GOMES, Henriette Ferreira; VARELA, Aida V. Mediação da informação na área da medicina: possibilidades de interlocução entre os saberes científico, profissional e sócio-cultural. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, p. 3-22, 2016.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: filosofia da informação**, v. 5, p. 10-21, 2019.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 7-31, 1999.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, 2001.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos Cenários Políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 2-40, 2002.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Paraíba, v. 2, n. 1, p. 115-134, 2009.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. As Ciências Sociais e as questões de informação. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 18-37, 2012a.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade**, Paraíba, v. 22, p. 43-60, 2012b.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Políticas e Regimes de Informação: Perspectivas. In: GARCIA, Joana C. R.; TARGINO, Maria das Graças (Org.). **Desvendando facetas da gestão e políticas de informação**. João Pessoa: EDUFPB, 2015, p. 321-351.

GUEDES, Roger de Miranda; MOURA, Maria Aparecida. O princípio da garantia semântica e os estudos da linguagem. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 9, p. 1-21, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KAJIMOTO, Natasha.; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Aplicação do método *storytelling* de gestão do conhecimento para a constituição da memória organizacional do movimento shindo renmei. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 364-387, 2017.

KARAWJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. **Estudos Ibero-Americanos**, 2014, 40.1: 64-84.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo do cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LINDEMANN, Catia. Comissão de bibliotecas prisionais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. 1, p. 121-125, 2017.

LORDE, Audre. **Sister Outsider: Essays and Speeches**. New York: The Crossing Press, 1984.

MENDES, Lucas; CUSTÓDIO, Marcela; EGGERT-STEINDEL, Gisela. Livro didático: o despertar da memória afetiva. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (Online)**, v. 13, p. 900-911, 2017.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Epistemologia da Biblioteconomia**. 1985. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

MOURA, Maria Aparecida. Política de Governança Digital Brasileira: em pauta a participação social e a transparência ativa. **Revista Ágora**, v. 1, p. 121-125, 2016.

OLSON, Hope. **Towards a feminist profession: librarianship as woman’s profession, feminized profession and feminist profession**. In: Third Annual Misener-Margetts feminist research fórum. Edmonton, Alberta, set. 1990.

ORTEGA, Cristina Dotta; SALDANHA, Gustavo Silva. A noção de documento no espaço-tempo da Ciência da Informação: críticas e pragmáticas de um conceito. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, p. 189-213, 2019.

SALDANHA, Gustavo Silva; ORTEGA, Cristina Dotta. Itinerários da obra de Suzanne Briet: inflexões e tensões. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, p. 103-134, 2018.

SALES, Rodrigo; CAFÉ, Lígia. Semelhanças e diferenças entre tesouros e ontologias. **DataGramZero**, n. 4, v. 9, 2008.

SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis Oliveira. Empreendedorismo e profissionais da informação. **Atoz: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, v. 6, n. 1, p. 5-7, 2017.

SILVA, Pollyanna; SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis Oliveira. A contribuição do empreendedorismo para visibilidade do bibliotecário no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 3, p. 170-192, 2018.

SOUZA, Cláudia. Santos; SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis Oliveira. Empreendedorismo social na biblioteconomia: análise da atuação bibliotecária em ações com foco na agenda 2030. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, p. 3-22, 2019.

OLIVEIRA, Ana Claudia Perpétuo. A interação com o entrevistado na coleta de narrativas para a composição do Discurso do Sujeito Coletivo: vivências de pesquisadora. **Revista ACB** (Florianópolis), v. 17, p. 118-134, 2012.

OLIVEIRA, Ana Claudia Perpétuo. Relações entre fenomenologia e memória: possíveis reflexões sobre a exclusão social em bibliotecas públicas. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, p. 29-42, 2016.

ORTEGA, Cristina Dotta. O conceito de documento em abordagem bibliográfica segundo as disciplinas constituintes do campo. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, p. 41-64, 2016.

ORTEGA, Cristina Dotta. Contexto de desenvolvimento da Organização da Informação, com enfoque para a Catalogação, na Escola de Ciência da Informação da UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação** (Online), v. 18, p. 182-215, 2013.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Hiperconectividade e difusão de coleções especiais em bibliotecas e museus. **Revista Museu**, v. 1, p. 1-1, 2018.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Sobre o amor que não ousa (ou não deve) dizer seu no no 'Inferno' da Biblioteca Nacional. **Revista Museu**, v. 1, p. 1-4, 2017.

PINHEIRO, Ana Virgínia. A Typographia Silva Serva na Biblioteca Nacional: catálogo de livros raros. **Anais da Biblioteca Nacional**, v. 132, p. 9-75, 2016.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Livros raros de Biblioteconomia. **Chronos** (UNIRIO), v. 7, p. 100-119, 2015.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar**. 1997. 280 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Relações de Gênero e Biblioteconomia: o que move o sexo masculino a ingressar em um curso majoritariamente feminino. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (XVII ENANCIB), 17. **Anais...** Salvador, 2016a.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Relações de gênero e a profissão bibliotecária no Brasil. **Cadernos BAD**, n. 1, p. 157-171, jan-jun, 2016b.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, 2005.

PIZARRO, Daniella Camara. Uma ética bibliotecária possível no ambiente empresarial. In: SOUZA, Francisco das Chagas de; SILVA, Ana Cláudia Perpétuo de Oliveira da. (Org.). **Práticas éticas em bibliotecas e serviços de informação: Investigações brasileiras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2014, p. 137-161.

PIZARRO, Daniella Camara. Sentido ético da atuação docente na Biblioteconomia: da miopia política ao mecanicismo. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima

(Org.). **O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. 1 ed. Florianópolis: ACB, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

ROMEIRO, Nathália Lima. **Vamos fazer um escândalo:** a trajetória da desnaturalização da violência contra a mulher e a *folksonomia* como ativismo em oposição à violência sexual no Brasil. 2019. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Violência contra a mulher e violência doméstica**. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (Org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34; Fundação Carlos Chagas, 2002.

SALDANHA, Gustavo Silva; SOUZA, Rosali Fernandez. Teoria barroca da organização do conhecimento: Emanuele tesauro e o espelho turvo das tensões entre epistemologia, metodologia e sociedade. **Informação & Informação**, v. 22, p. 11-32, 2017.

SALDANHA, Gustavo Silva. Sem e cem teorias críticas em Ciência da Informação: autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. In: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo Medeiros; SALDANHA, Gustavo Silva. **Ikritika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

SANTO, Patrícia Espírito. Os estudos de gênero na ciência da informação. **Em Questão**, v. 14, n. 2, p. 317-332, 2008.

SANTOS, Raquel do Rosário; GOMES, Henriette Ferreira; DUARTE, Emeide N. O papel da biblioteca universitária como mediadora da informação para construção do conhecimento coletivo. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 15, 2014.

SANTOS, Raquel do Rosário; GOMES, Henriette Ferreira; DUARTE, Emeide N. Processo dialógico entre bibliotecários e usuários: reflexão em torno da utilização dos dispositivos de comunicação da web social. **Encontros Bibli**, v. 21, p. 115-129, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v.20, n. 2, p. 71-99 ,jul./dez. 1995.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. Clara Stanton Jones e sua contribuição para a Biblioteconomia Negra Americana. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. (Org.). **Mulheres negras na Biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha, 2019.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima. As contribuições de Ann Allen Shockley: uma bibliotecária negra e feminista na literatura lésbica e na Biblioteconomia. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima. (Org.). **O protagonismo da Mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**. Florianópolis: Rocha, 2019.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; AQUINO, Mirian de A. Fontes de informação na Web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba. **Transinformação**, v. 26, p. 203-212, 2014.

SILVA JUNIOR, Jobson; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; AQUINO, Mirian de A. Gêneros digitais: expandindo a comunicação no movimento negro da Paraíba. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 12, p. 242-268-268, 2014.

SOUZA, Miriely da Silva. A contribuição de Maria Nélide González de Gómez para a Ciência da Informação: políticas e regime de informação. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (Org.). **O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. 1 ed. Florianópolis: ACB, 2018. Cap. 6.

SOUZA, Rosali Fernandez. Áreas do Conhecimento. **DataGramZero**, v. 5, n. 2, abr. 2004.

SOUZA, Rosali Fernandez; STUMPF, Ida Regina Chitto. Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da Pós-Graduação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. spe, p.41-58, 2009.

SOUZA, Rosali Fernandez. Sistemas de Organização do Conhecimento e o Thesaurus de Acervos Científicos em Língua Portuguesa. **Museologia e Patrimônio**, v. 11, p. 148-170, 2018.

SOUZA, Terezinha Martins dos Santos. Patriarcado e capitalismo: uma relação simbiótica. *Temporalis*, v. 15, n. 30, p. 475-494, 2016.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Estrutura de bases de dados: modelos de metadados e a qualidade de resposta. **Transinformação**, v. 13, n. 1, p. 67-80, 2001.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento. **DataGramZero**, v. 3, n. 4, 2002.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Woman**. S.l., 1792.